



MAM expoe a arte de Camargo

HARRY LAUS

O Museu de Arte Moderna inaugura na próxima quinta-feira uma exposição dos relevos e esculturas de Sérgio Camargo, que volta vitoriosamente ao Brasil depois de haver conquistado o Prêmio Internacional de Escultura na Bienal de Paris, em 1963, e exposto com grande sucesso em Londres, no final do ano passado.

Numa sala inteira será apresentado ao público o resultado das pesquisas em madeira que o escultor vem fazendo. Se quisermos nos reduzir aos meios materiais empregados poderemos dizer que a escultura de Sérgio é extremamente simples: apenas rolêtes de madeira aplicados sobre uma superfície sólida, posteriormente pintados de branco. Mas a demorada atenção sobre os relevos vai nos fazendo perceber a riqueza infinita da valorização plástica que o escultor consegue com essa simplicidade de meios. A aparente desorganização da superfície vai-se tornando clara aos poucos e uma perfeita organização dos elementos, sempre valorizada a cada nova incidência da luz, surge para a satisfação estética do espectador.

Sérgio Camargo conseguiu, efetivamente, realizar obra pessoal, inconfundível e original. Acreditamos que o emprego do branco é de extrema sabedoria, em função dos efeitos de sombra e luz. A trabalhosa colocação dos pequenos elementos de madeira supõe um esforço penoso, a paciência servindo à inteligência e a ela aliada para o resultado positivo da obra de arte.

A CRÍTICA

Damos a seguir uma série de trechos críticos sobre o escultor,

para que o leitor avalie a repercussão de seu trabalho no exterior.

"Fenômeno curioso, mas perfeitamente normal, essa comunicação lírica repousa em um substrato de experiências anteriores, estreitamente determinadas. Uma verdadeira pontuação anima a composição, sempre difusa do ponto-de-vista tradicional, mas notavelmente estruturada." (Denys Chevallier, *Aujourd'hui*).

"Apesar de seu aspecto cambiant, esta obra é construída sólida e firmemente. Só um artista lúcido e sensível, que trabalha assiduamente os seus problemas, sem se limitar, pode obter uma tal perfeição num conjunto onde a composição é quase imperceptível. A posição de Camargo vis-à-vis da escultura é simultaneamente simples e infinitamente complexa." (Karl K. Rinngstrom — apresentação da exposição Transição, em Bruxelas).

"E através de uma longa conquista sobre si mesmo, através da meditação e do aprofundamento de sua verdade, que ele atinge a originalidade e a expressão de uma realidade nacional. Pelo aspecto barroco, mas ritmado e controlado, seus relevos pertencem bem ao estilo de nossa época. Pelo seu caráter proliferante, vegetal, inquietante, ele evoca para nós, europeus, esse imenso país, velho e novo ao mesmo tempo." (George Boudaille, *XX Siècle*).

"Nada surpreendente que os relevos em madeira de Camargo possam intrigar. Ninguém no momento pesquisa no mesmo sentido. Aparentemente trata-se de uma fórmula muito simples, e não de um meio profundo de expressão, de comunicação direta. Mas o fato é que o artista nos atinge onde menos esperávamos." (Sturt-Penrose, *The Arts Review*, Londres).

"Não há aqui busca de efeito e sim o fruto de uma espontânea observação da natureza transposta para uma ordem sutil e precisa. Os últimos trabalhos, mais geométricos, lembrando menos a idéia de crescimento orgânico, estão, no entanto, impregnados de uma ordem intuitiva e, apesar da uniformidade da cor e da modéstia dos meios,

não são nunca cerebrais." (The Times).

"Os puros relevos brancos de Camargo são de uma monotonia impessoal; é como olhar para uma formação de nuvens ou um campo de neve. Ao mesmo tempo são infinitamente sensíveis. Tratar-se-ia de transpor para a escultura a disciplina e a liberdade da composição musical." (Edwin Mullins, *The Sunday Express*).

"Os relevos de Camargo, com a textura eriçada e branca, de uma pureza absoluta, são tão estimulantes como um passeio pelos brancos penedos de Dover, e consideravelmente mais importantes para os olhos." (Paul Grinke, *The Financial Times*).

"Na obra de Cézanne a cor sugere a direção do plano e permite a leitura da sua pintura. Em Camargo é a luz — incalculável, sempre diversa — que empresta aos seus relevos esse elemento ativo espontâneo que é a verdadeira razão de sua beleza." (Gerald Turner, *Signals*, Londres).

A BIOGRAFIA

Sérgio Camargo nasceu no Rio de Janeiro, em 1930, estudou na Academia Altamira de Buenos Aires com Emilio Pettoruti e Lúcio Fontana. Foi a Paris em 1948 para estudar filosofia na Sorbonne. Na França, interessou-se mais pela escultura e tomou contato com Brancusi, Auricoste, Arp e Vantongerloo. De Brancusi disse Camargo: "Ele é, inicialmente, um homem difícil, mas quando se interessa por alguém, Brancusi torna-se o mais fervoroso e gentil dos amigos".

Em 1954 Sérgio Camargo visita a China. Desde 1961 vive em Paris. Expôs individualmente no Rio e em São Paulo em 1958. É isento de júri pelo Salão Nacional de Arte Moderna e em 1954 teve um prêmio de aquisição no Salão de Arte Moderna de São Paulo.

Além da atual exposição do Museu de Arte Moderna, Sérgio Camargo participará da VIII Bienal de São Paulo e vai expor, ainda este ano, em Caracas.